



Formação
Docente:
Princípios e
Fundamentos 5

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Formação Docente: Princípios e Fundamentos 5

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
F723	Formação docente [recurso eletrônico] : princípios e fundamentos 5 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Formação Docente: Princípios e Fundamentos; v. 5) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-366-8 DOI 10.22533/at.ed.669193005 1. Educação. 2. Professores – Formação. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 370.71
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No seu quinto volume gostaria que soubesse que, mesmo longe de alguns, muito longe de outros, nossa relação durante esses meses será de respeito por Você que está na sala de aula. A educação não tem sentido se não for para humanizar os indivíduos. Como dizia Paulo Freire: Humanizar é gentilizar os indivíduos. Estamos na era digital que seguem pelas veias humanas visando eliminar ranços. Todo o avanço científico tecnológico traz benefícios para nossa a formação docente e sociedade, mas, ainda, nos causa medo e nem sempre sabemos lidar com ele. Novas tecnologias, quando disseminadas pela sociedade, levam a novas experiências e a novas formas de relação com o outro, com o conhecimento e com o processo de ensino-aprendizagem. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido". (O Último discurso", do filme O Grande Ditador).

Abri o volume V, No artigo O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM COMO FERRAMENTA USADA NO NIVELAMENTO DOS INGRESSOS DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA REGULAR, os autores Acelmo de Jesus BRITO, Alan Kardec Messias da SILVA, Ediel Pereira MACEDO buscam apresentar considerações sobre o desenvolvimento de um curso de Matemática Básica como nivelamento em matemática, no interior da disciplina de Geometria Analítica do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Barra do Bugres-MT. No artigo O CONCEITO DE BLENDED LEARNING: BREVE REVISÃO TEÓRICA, as autoras Luciana Maria Borges e Rosemara Perpetua Lopes buscam localizar na literatura estrangeira estudos sobre esse tema, com enfoque no Ensino Superior. Para tanto, realizamos uma breve revisão teórica, abrangendo o período de 2007 a 2017, por meio de busca nos bancos de dados Redalyc e Scielo. No artigo O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO E DOS SENTIMENTOS MORAIS: IMPLICAÇÕES PARA O AMBIENTE ESCOLAR E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES, os autores Mayra Marques da Silva Gualtieri-Kappann, Alonso Bezerra de Carvalho, Jair Izaias Kappann Busca apresentar os estudos de Piaget a respeito do paralelismo existente entre o desenvolvimento cognitivo e o dos sentimentos, aí inclusos os sentimentos morais e a própria moralidade, pensando o ambiente sociomoral das escolas e o desenvolvimento moral, problematizando as implicações deste conhecimento na formação dos professores da atualidade. No artigo O ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO E A PARCERIA ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA: ESTUDO DOCUMENTAL DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFG/REGIONAL GOIÂNIA os autores Anegleyce Teodoro Rodrigues e Samuel de Souza Neto buscam realizar uma investigação em nível de pós-doutorado e conta com apoio financeiro de bolsa financiada pelo PNPd/CAPES, com o objetivo descrever e analisar o projeto de estágio e a característica da parceria entre universidade e escola e sua relação com o projeto de formação de professores em Educação Física do curso

da UFG, Regional Goiânia. No artigo O HUMOR UTILIZADO COMO METODOLOGIA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO SEXUAL as autoras Roberta Seixas, Denise Maria Margonari, Luana Aparecida Etelvina de Souza, Isabela Cristina Urbano de Almeida buscam a utilização do humor como metodologia para o ensino da Educação Sexual e para potencializar a aprendizagem dos alunos. No artigo O IMAGINÁRIO DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA: O PEDAGOGO PROFISSIONAL, os autores ANELIZE RAFAELA de SOUZAFABIO RIEMENSCHNEIDER o artigo investiga o imaginário coletivo de estudantes ingressantes no curso de pedagogia sobre a atuação do pedagogo. Objetiva apresentar e refletir sobre o campo de sentido afetivo-emocional denominado Pedagogo Profissional. No artigo O OLHAR DA TUTORIA PELOS TUTORES: FORMAÇÃO E IDENTIDADE, o autor Thiago Pedro de Abreu busca investigar como os professores se tornaram tutores e o que os levou a atuar nesta modalidade de ensino. Pesquisa fundamentada em Belloni (2012) destaca a construção da identidade dos tutores, que está ligada à formação de professores. No artigo O OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A ESCOLA: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA, os autores Enio Serra, Ana Angelita Rocha, Roberto Marques buscam compreender o cotidiano escolar a partir da relação entre a produção de subjetividades e o espaço geográfico. No artigo O PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA EM GOIÁS: ITUMBIARA, 2013-2015, o autor Juliano Guerra Rocha busca relatar a experiência sobre a formação de professores alfabetizadores, no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC/MEC), na cidade de Itumbiara/Goiás. No artigo O PROGRAMA DE APERFEIÇOAMENTO DO ENSINO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO COMO ESPAÇO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DOS SEUS EGRESSOS, os autores Márcia Mendes Ruiz Cantano, Noeli Prestes Padilha Rivas, buscaram investigar o Programa PAE-USP como espaço institucional de formação de professores para o ensino superior, a partir da perspectiva dos seus egressos, que hoje atuam como docentes em instituições de ensino superior públicas brasileiras. O REFERENCIAL CURRICULAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE VÁRZEA GRANDE/MT E AS IMPLICAÇÕES À FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS Soely Aparecida Dias Paes, Kelly Katia Damasceno Erika Silva Alencar Meirelles, buscam analisar os preceitos teóricos adotados no Referencial Curricular da Educação Infantil de Várzea Grande-MT, bem como refletir sobre as implicações à aprendizagem das docentes que atuam nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs), visto a urgência em (re)significar práticas educativas voltadas à alfabetização e o letramento nesta primeira etapa de escolarização da educação básica. No artigo O SABER-FAZER DOCENTE: UM ESTUDO A PARTIR DAS ABORDAGENS DAS TEORIAS DE ENSINO Lilian de Assis Monteiro Lizardo, Márcia Tostes Costa da Silva, Maria de Fátima Ramos de Andrade busca analisar como professores de Educação Infantil concebem os fundamentos de suas práticas. Para tal, inicialmente, apresentamos as abordagens de ensino e aprendizagem

MIZUKAMI (1986). No artigo O TRABALHO DOCENTE: FATORES QUE LEVAM AO ESTRANHAMENTO DESSE OFÍCIO, os autores Carlos Augusto Santana Sobral, Manoel de Souza Araújo, Rafael Marques Gonçalves, buscam explicar os fatores que levam o estranhamento até à docência, buscaram, luzes no pensamento de Karl Marx e outros estudiosos que seguem a mesma corrente teórica. Assim, enfatizamos a importância do trabalho na perspectiva de Marx para mostrar a crueldade de grupos elitizados em utilizar a educação como escoamento da ideologia dominante. No artigo O USO DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E METODOLOGIAS ATIVAS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTOS NO ENSINO SUPERIOR: PRODUÇÃO DE ARTIGO DE REVISÃO DE LITERATURA, os autores Elaine CALDEIRA e George L. R. BRITO buscam realizar um relato da experiência de práticas de letramento na produção de artigos de revisão de literatura realizada na disciplina “Introdução aos Estudos Linguísticos”, oferecida aos estudantes do primeiro semestre do Curso de Licenciatura em Letras/Inglês do Campus Riacho Fundo, Instituto Federal de Brasília-IFB. No artigo ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS DESTINADAS AOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA PARA O ENSINO SECUNDÁRIO DA ESCOLA PAULISTA (1934-1960), a autora Márcia Cristina de Oliveira Mello busca identificar e compreender quais orientações metodológicas receberam os primeiros professores de Geografia para atuar na escola paulista, entre os anos de 1934 e 1960. No artigo OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR UM PROFESSOR EM COMEÇO DE CARREIRA, os autores Carlos Alberto Tavares Dias Filho e Itale Luciane Cericato buscam discutir os dados preliminares de um estudo que investiga como um professor iniciante sente e significa suas primeiras experiências profissionais. No artigo OS PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS DE FREIRE E STEINER E SUAS RELAÇÕES COM OS MEIOS ELETRÔNICOS DO COTIDIANO DISCENTE Claudia de Jesus Tietsche Reis a autora busca investigar os princípios pedagógicos de Paulo Freire e Rudolf Steiner para dialogar com a realidade discente, influenciada pelos meios eletrônicos – televisão, videogame e computador. No artigo PERCEPÇÃO DE PROFESSORES SOBRE A PARTICIPAÇÃO POPULAR EM TEMAS RELACIONADOS À CIÊNCIA E TECNOLOGIA Cristiane Imperador Márcia Azevedo Coelho – UNICAMP busca promover uma reflexão acerca da valorização que um grupo de docentes atribui à diversidade epistemológica, no que concerne à participação da população nas decisões sociais sobre questões relacionadas a ciência e tecnologia. No artigo POSSIBILIDADES DE REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE A PARTIR DO CENSO DE FORMAÇÃO DO PROFESSORADO, os autores Marcos Vinicius Marques, Paulo Sergio Gomes, Jobert Chacon Teixeira Gláucia Beatriz Victor Petian, buscam realizar um diagnóstico da formação dos professores e estabelecer ações formativas mais incisivas e eficazes, foi elaborado pela Secretaria Municipal de Educação de Jaú (SP), e aplicado junto a todos os professores pertencentes à dita rede de ensino, que estão em exercício nas séries iniciais do ensino fundamental, um Censo sobre formação de professores. No artigo PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: RELATOS DE UMA PROFESSORA DO 5º ANO DO ENSINO

FUNDAMENTAL Adriana Torquato Resende Kézia Costa de Oliveira Rocha Carvalho, buscou analisar práticas pedagógicas de professores de 5º ano. No artigo PREDISPOSIÇÃO AO SÍNDROME DE BURNOUT EM ESTUDANTES DE ENFERMAGEM a autora Sendy Meléndez Chávez y Sara Huerta González, busca analisar se estudantes de enfermagem estão predispostos ao esgotamento profissional. No artigo PRIMER MOLAR. LA LLAVE PARA UNA BOCA SANA os autores Perez Novoa, María José, Castelli, Patricia; Abal, Adrian; Erbicela, Beatriz; Capraro, Eugenia; Capraro Carlos; Salvatore, Luis Alberto; Etchegoyen, Liliana; Mogollon, Miguel; Gonzalez, Anabel; De Vicente, Cecilia; Obiols, Cecilia; Gulayin, Guillermo; Spisirri, Sebastian, Buscam promueve la formación de un profesional dentro de la realidad social, con una relación interdisciplinaria y articulando la asistencia, educación y salud; donde los alumnos toman conciencia de factores etiológicos y condicionantes de sus efectos, supervisado por docentes. No artigo PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA COM PROFESSORES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL a autora Fatima Aparecida de Souza busca apresentar uma experiência de formação continuada realizada com 132 professores da Educação Básica de diferentes áreas do conhecimento, em uma Diretoria de Ensino do Estado de São Paulo. No artigo PRODUÇÃO DE MATERIAIS AUTORAIS DIGITAIS EDUCACIONAIS NAS LICENCIATURAS: A TRANSFORMAÇÃO DO CONCEITO DE DOCÊNCIA, as autoras Luciana de Lima, Robson Carlos Loureiro, Gabriela Teles busca analisar de que forma os licenciandos de Instituição Pública de Ensino Superior (IPES), participantes da disciplina Tecnodocência em 2017.2, transformam sua compreensão sobre docência a partir do desenvolvimento de Materiais Autorais Digitais Educacionais (MADEs).

No artigo PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS: REFLEXÕES SOBRE POLIVALÊNCIA E O CURSO DE PEDAGOGIA, a autora Vanda Moreira Machado Lima busca refletir sobre o professor dos anos iniciais enfatizando o conceito de polivalência.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM COMO FERRAMENTA USADA NO NIVELAMENTO DOS INGRESSOS DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA REGULAR	
Acelmo de Jesus Brito Alan Kardec Messias da Silva Ediel Pereira Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.6691930051	
CAPÍTULO 2	9
O CONCEITO DE <i>BLENDED LEARNING</i> : BREVE REVISÃO TEÓRICA	
Luciana Maria Borges Rosemara Perpetua Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.6691930052	
CAPÍTULO 3	18
O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO E DOS SENTIMENTOS MORAIS: IMPLICAÇÕES PARA O AMBIENTE ESCOLAR E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Mayra Marques da Silva Gualtieri-Kappann Alonso Bezerra de Carvalho Jair Izaías Kappann	
DOI 10.22533/at.ed.6691930053	
CAPÍTULO 4	34
O ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO E A PARCERIA ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA: ESTUDO DOCUMENTAL DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFG/REGIONAL GOIÂNIA	
Anegleyce Teodoro Rodrigues Samuel de Souza Neto	
DOI 10.22533/at.ed.6691930054	
CAPÍTULO 5	46
O HUMOR UTILIZADO COMO METODOLOGIA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO SEXUAL	
Roberta Seixas Denise Maria Margonari Luana Aparecida Etelvina de Souza Isabela Cristina Urbano de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.6691930055	
CAPÍTULO 6	58
O IMAGINÁRIO DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA: O PEDAGOGO PROFISSIONAL	
Anelize Rafaela De Souza Fabio Riemenschneider	
DOI 10.22533/at.ed.6691930056	

CAPÍTULO 7	64
O OLHAR DA TUTORIA PELOS TUTORES: FORMAÇÃO E IDENTIDADE	
Thiago Pedro de Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.6691930057	
CAPÍTULO 8	76
O OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A ESCOLA: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA	
Enio Serra	
Ana Angelita Rocha	
Roberto Marques	
DOI 10.22533/at.ed.6691930058	
CAPÍTULO 9	90
O PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA EM GOIÁS: ITUMBIARA, 2013-2015	
Juliano Guerra Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.6691930059	
CAPÍTULO 10	100
O PROGRAMA DE APERFEIÇOAMENTO DO ENSINO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO COMO ESPAÇO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DOS SEUS EGRESSOS	
Márcia Mendes Ruiz Cantano	
Noeli Prestes Padilha Rivas	
DOI 10.22533/at.ed.66919300510	
CAPÍTULO 11	112
O REFERENCIAL CURRICULAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE VÁRZEA GRANDE/MT E AS IMPLICAÇÕES À FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS	
Soely Aparecida Dias Paes	
Kelly Katia Damasceno	
Erika Silva Alencar Meirelles	
DOI 10.22533/at.ed.66919300511	
CAPÍTULO 12	123
O SABER-FAZER DOCENTE: UM ESTUDO A PARTIR DAS ABORDAGENS DAS TEORIAS DE ENSINO	
Lilian de Assis Monteiro Lizardo	
Márcia Tostes Costa da Silva	
Maria de Fátima Ramos de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.66919300512	
CAPÍTULO 13	133
O TRABALHO DOCENTE: FATORES QUE LEVAM AO ESTRANHAMENTO DESSE OFÍCIO	
Carlos Augusto Santana Sobral	
Manoel de Souza Araújo	
Rafael Marques Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.66919300513	

CAPÍTULO 14	143
O USO DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E METODOLOGIAS ATIVAS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTOS NO ENSINO SUPERIOR: PRODUÇÃO DE ARTIGO DE REVISÃO DE LITERATURA	
Elaine Caldeira George L. R. Brito	
DOI 10.22533/at.ed.66919300514	
CAPÍTULO 15	155
ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS DESTINADAS AOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA PARA O ENSINO SECUNDÁRIO DA ESCOLA PAULISTA (1934-1960)	
Márcia Cristina de Oliveira Mello	
DOI 10.22533/at.ed.66919300515	
CAPÍTULO 16	164
OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR UM PROFESSOR EM COMEÇO DE CARREIRA	
Carlos Alberto Tavares Dias Filho Itale Luciane Cericato	
DOI 10.22533/at.ed.66919300516	
CAPÍTULO 17	176
OS PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS DE FREIRE E STEINER E SUAS RELAÇÕES COM OS MEIOS ELETRÔNICOS DO COTIDIANO DISCENTE	
Claudia de Jesus Tietsche Reis	
DOI 10.22533/at.ed.66919300517	
CAPÍTULO 18	193
PERCEPÇÃO DE PROFESSORES SOBRE A PARTICIPAÇÃO POPULAR EM TEMAS RELACIONADOS À CIÊNCIA E TECNOLOGIA	
Cristiane Imperador Márcia Azevedo Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.66919300518	
CAPÍTULO 19	201
POSSIBILIDADES DE REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE A PARTIR DO CENSO DE FORMAÇÃO DO PROFESSORADO	
Marcos Vinicius Marques Paulo Sergio Gomes Jobber Chacon Teixeira Gláucia Beatriz Victor Petian	
DOI 10.22533/at.ed.66919300519	
CAPÍTULO 20	211
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: RELATOS DE UMA PROFESSORA DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Adriana Torquato Resende Kézia Costa de Oliveira Rocha Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.66919300520	

CAPÍTULO 21	223
PREDISPOSIÇÃO AO SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i> EM ESTUDANTES DE ENFERMAGEM	
Sendy Meléndez Chávez Sara Huerta González	
DOI 10.22533/at.ed.66919300521	
CAPÍTULO 22	234
PRIMER MOLAR. LA LLAVE PARA UNA BOCA SANA	
María José Perez Novoa Patricia Castelli Adrian Abal Beatriz Erbicela Eugenia Capraro Carlos Capraro Luis Alberto Salvatore Liliana Etchegoyen Miguel Mogollon Anabel Gonzalez Cecilia De Vicente Cecilia Obiols Guillermo Gulayin Sebastian Spisirri	
DOI 10.22533/at.ed.66919300522	
CAPÍTULO 23	242
PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA COM PROFESSORES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Fatima Aparecida de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.66919300523	
CAPÍTULO 24	253
PRODUÇÃO DE MATERIAIS AUTORAIS DIGITAIS EDUCACIONAIS NAS LICENCIATURAS: A TRANSFORMAÇÃO DO CONCEITO DE DOCÊNCIA	
Luciana de Lima Robson Carlos Loureiro Gabriela Teles	
DOI 10.22533/at.ed.66919300524	
CAPÍTULO 25	266
PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS: REFLEXÕES SOBRE POLIVALÊNCIA E O CURSO DE PEDAGOGIA	
Vanda Moreira Machado Lima	
DOI 10.22533/at.ed.66919300525	
SOBRE A ORGANIZADORA	279

O OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A ESCOLA: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

Enio Serra

Faculdade de Educação – UFRJ

Rio de Janeiro – RJ

Ana Angelita Rocha

Faculdade de Educação – UFRJ

Rio de Janeiro – RJ

Roberto Marques

Faculdade de Educação – UFRJ

Rio de Janeiro – RJ

RESUMO: A experiência relatada diz respeito a uma ação pedagógica desenvolvida no âmbito da formação inicial de professores de Geografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, mais especificamente no contexto do estágio curricular obrigatório. Tal atividade envolve escolas do estado do Rio de Janeiro conveniadas para campo de estágio, seus professores, alunos, funcionários e os licenciandos da universidade. O projeto pedagógico do curso de Licenciatura em Geografia da UFRJ prevê o início do estágio supervisionado no sexto período, quando se propõe como prática pedagógica e instrumento de avaliação a observação e análise do cotidiano do campo de estágio através de um seminário intitulado “O Olhar Geográfico sobre a Escola”. Nessa ocasião, os estudantes compartilham investigações e experiências sobre as sociabilidades presentes no espaço escolar a partir de uma abordagem geográfica

e tomam como procedimentos de pesquisa o levantamento e a análise dos perfis sociológicos discentes, do perfil docente, da gestão escolar, bem como a relação dos licenciandos com o campo de estágio e a análise socioespacial do entorno da escola. Para tanto, articulam as literaturas do campo geográfico e do campo educacional, buscando compreender o cotidiano escolar a partir da relação entre a produção de subjetividades e o espaço geográfico. Ao longo dos anos, os resultados da adoção deste procedimento didático demonstram a melhor compreensão da escola por parte dos licenciandos através da abordagem geográfica, isto é, através da centralidade do espaço como condição de análise dos processos e das identidades produzidas pela/na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente; Espaço geográfico; Estágio supervisionado.

ABSTRACT: The reported experience concerns a pedagogical action developed in the scope of the initial formation of teachers of Geography at Federal University of Rio de Janeiro, specifically in the context of the compulsory curricular traineeship. This activity involves schools in the state of Rio de Janeiro that are convened for the training camp, its teachers, students, employees and university students. The pedagogical project of the Degree in Geography of UFRJ provides for the beginning of the supervised internship in

the sixth period, when it is proposed as pedagogical practice and evaluation tool the observation and analysis of the daily life of the internship field through a seminar entitled “The Geographical View about the School”. On this occasion, university students share investigations and experiences about the sociabilities present in the school space from a geographical approach and take as research procedures the survey and analysis of the sociological profile of students, the teaching profile, school management, as well as the relationship of the university students with the field of training and socio-spatial analysis of the school environment. In order to do so, they articulate the literatures of the geographic field and the educational field, seeking to understand the everyday school from the relation between the production of subjectivities and the geographic space. Over the years, the results of adopting this didactic procedure demonstrate the better understanding of the school by the university students through the geographical approach, that is, through the centrality of space as a condition for analyzing the processes and identities produced by / in the school.

KEYWORDS: Teacher training; Geographic space; Supervised internship.

1 | INTRODUÇÃO

O presente texto tem como intuito narrar e tecer considerações sobre uma experiência levada a cabo no contexto da formação inicial de professores de Geografia. Mais precisamente pretende analisar o processo de elaboração, execução e avaliação de uma ação pedagógica realizada no estágio curricular obrigatório do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seus principais objetivos se configuram na possibilidade de troca de experiências formativas entre profissionais formadores de professores, bem como na oportunidade de sistematizar e refletir sobre a prática docente da equipe institucional responsável pela Prática de Ensino de Geografia – algo nem sempre possível diante das inúmeras tarefas que assumimos nas atribuições de docentes universitários.

Ao apresentarmos um relato de experiência que diz respeito à formação inicial de professores, e mais precisamente ao estágio obrigatório, é imprescindível apontar algumas reflexões acerca das concepções de prática docente e de estágio curricular tomadas como referência para a análise da experiência narrada. Para tanto, afirmamos que nossa compreensão de estágio se aproxima à de Pimenta e Lima (2006) quando consideram que este se constitui como um campo de conhecimento dotado de “um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental” (p. 5).

Tal perspectiva avizinha-se da compreensão de prática docente desenvolvida por Tardif (2000) ao incluí-la na problemática da ‘epistemologia da prática profissional’, definida pelo autor como “o estudo do conjunto dos saberes utilizados realmente pelos profissionais em seu espaço de trabalho cotidiano para desempenhar todas as suas tarefas” (*Idem*, p.10). Para Tardif, esta problemática emerge dos debates sobre

profissionalização docente, em um movimento que desloca para a voz do professor a questão do ensinar e afirma a docência visando a superação de abordagens analíticas que, em sua maioria, nos anos 1960 e 1970, reduziam o exercício da docência à reprodução de técnicas de ensino para o que se pensava como eficiência da aprendizagem (*Ibid.*). Discursos esses, aliás, que se reatualizam nas contemporâneas políticas performativas, de controle, regulação e fiscalização do trabalho docente.

Desse mesmo modo, superar a visão de estágio como momento de aplicação na prática dos conhecimentos supostamente ‘teóricos’ adquiridos ao longo da graduação é uma necessidade premente e base para as reflexões apresentadas neste texto. Nesse sentido, os conceitos de prática e de teoria precisam ser problematizados, o que nos aproxima da perspectiva da *práxis*. Com o intuito de repensar a visão de prática que predomina na formação docente, Pimenta e Lima (2006) tomam como tarefa a diferenciação entre *prática* e *ação*. Tendo como base o pensamento de Sacristán (1999 *apud* PIMENTA e LIMA, 2006), as autoras concebem a prática como algo institucionalizado, isto é, nesta perspectiva a prática se constitui em um conjunto de “formas de educar que ocorrem em diferentes contextos institucionalizados, configurando a cultura e a tradição das instituições.” (*Op. cit.*, p. 11) Já a ação se refere aos modos de agir dos sujeitos, considerando valores, opções, conhecimento, leituras de mundo, maneiras de ensinar, planejar e desenvolver seus cursos. A imbricação entre prática e ação se daria, de acordo com as autoras, na medida em que a ação “se realiza nas práticas institucionais nas quais se encontram, sendo por estas determinada e nelas determinando” (*Ibid.*, p. 12).

O estágio docente, seguindo essa linha de raciocínio, se configura então em um momento da formação inicial onde a pesquisa deve ser entendida também como um método baseado na epistemologia da prática docente e cujo principal objetivo seria o estudo das ações dos professores tomadas a partir dos contextos escolares nos quais se realizam. (*Ibid.*, 16). Sendo assim, a ação pedagógica que relatamos nesse trabalho toma como base esta perspectiva e se caracteriza por oportunizar o estudo sobre o contexto escolar. Isto é, inspirados na epistemologia da prática profissional e na pesquisa como princípio educativo do estágio docente, apostamos na reflexão sobre o espaço de trabalho do professor: a escola. Os licenciandos, ao investirem no trabalho de pesquisa, deparam-se, então, com a complexidade da profissão docente.

Levando em consideração as ideias e concepções sobre estágio e trabalho docente expostas até aqui e procurando ser coerentes com nossa *práxis*, expomos primeiramente o contexto no qual se dá a experiência narrada, pois, para compreendê-la, é necessário revelar os princípios e as atividades que caracterizam o estágio curricular obrigatório levado a cabo na UFRJ. Em seguida, apresentamos a ação pedagógica desenvolvida, bem como levantamos algumas reflexões e análises com base nas pesquisas realizadas pelos licenciandos.

2 | PRESSUPOSTOS BÁSICOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ESCOLAS NA UFRJ

Tendo como objetivo primeiro a reflexão sobre os principais aspectos e os processos constituintes que caracterizam a geografia escolar, as disciplinas Didática da Geografia I e II e o requisito curricular suplementar (RCS) Prática de Ensino de Geografia são oferecidos ao longo de três semestres a partir do 6º período do curso de Licenciatura em Geografia e trazem como proposta curricular um conjunto de assuntos e temas que devem se articular com o estágio supervisionado em suas principais dimensões. Nesse sentido, fica claro que a proposta para o estágio supervisionado em geografia apresenta como eixo central de trabalho a vinculação entre a prática dos professores da Educação Básica (2º Segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio), produtora de saberes específicos “que são mobilizados, utilizados e produzidos por eles [professores] no âmbito de suas tarefas cotidianas” (TARDIF, 2002, p. 113), e o aprofundamento de temas e conteúdos que permitem a constante reflexão sobre a atuação no magistério em uma estreita interação entre universidade e escola. A supervisão assume, assim, o sentido de mediação entre os saberes que configuram essas duas instâncias de formação, criando possibilidades para a realização de um estágio no qual, como já dissemos, teoria e prática são intrínsecas. Além disso, essa mediação poderá suscitar iniciativas de inovação na escola, abrir canais para a expressão de suas demandas de formação continuada, possibilitando uma constante atualização do ensino e das práticas realizadas na universidade.

3 | O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA

O estágio supervisionado em escolas deve ser realizado em, no mínimo, 300 (trezentas) horas. Desse total, porém, 60 horas são reservadas para o acompanhamento e a orientação semanal do professor de Prática de Ensino (2 horas semanais em cada semestre letivo) e 30 horas devem ser utilizadas para a participação em eventos (congressos, encontros, cursos, palestras) relativos ao ensino de geografia e/ou ao campo da educação em geral, restando, então, 210 horas a serem cumpridas efetivamente nas unidades escolares.

Ao longo dessas horas, é importante assegurar que cada licenciando possa envolver-se, criar vínculos com o campo de estágio, de forma que esse período seja um tempo denso e contínuo. Nesse sentido, trabalhamos com a ideia de que o estágio se desenvolve a partir de três dimensões: a *observação*, a *coparticipação* e a *regência*.

Ao exercitar o ato de *observar*, o licenciando acompanha não só a vida de uma ou mais turmas, mas, de acordo com o calendário escolar, vivencia o maior número de experiências possíveis dentre aquelas que se desenvolvem no espaço da escola. Os momentos de observação podem ser considerados como permanentes ao longo de todo o período de estágio, sendo “nesses momentos que [os licenciandos] têm as

primeiras oportunidades para compartilhar os saberes da experiência dos professores das turmas e dos professores de Prática de Ensino, em trocas muito ricas para todos” (MONTEIRO, 2002, p. 142).

É exatamente durante os primeiros momentos dessa dimensão do estágio que propomos o seminário “O olhar geográfico sobre a escola”. Esta atividade não se caracteriza apenas como um instrumento de avaliação, mas principalmente como possibilidade de perceber e analisar a escola a partir de pontos de vista não muito frequentes para quem a vivenciou como aluno. Seu desenvolvimento requer percepção atenta, criticidade e criatividade, além de aspectos geográficos que serão comentados nas próximas seções deste trabalho.

A *coparticipação*, outra dimensão essencial do estágio supervisionado, se refere ao momento a partir do qual o estagiário passa a acompanhar de forma mais sistemática o trabalho de um professor em uma ou mais turmas. A partir desse momento, o licenciando desenvolve um maior entrosamento com as turmas, observando bem suas características, envolve-se mais com o planejamento do conteúdo programático da série, bem como inicia algumas ações pedagógicas junto aos alunos.

A *regência* se refere ao momento em que o estagiário ministra uma ou mais aulas em turmas previamente escolhidas. Deve ser encarada como um desdobramento da coparticipação e não ser vista como um momento isolado que não prevê estudo e preparação prévia.

Além do estágio de imersão em uma escola, os licenciandos de geografia da UFRJ cumprem, no terceiro período da Prática de Ensino, as restantes 100 horas do total de 400 horas de estágio curricular obrigatório. A Resolução CNE/CP n. 2, de 19 de fevereiro de 2002, estabeleceu a ampliação da carga horária de estágio de 300 para 400 horas a serem realizadas a partir da segunda metade do curso de licenciatura. No enfrentamento desse desafio, o projeto de reforma curricular da Faculdade de Educação da UFRJ prevê que a realização desse estágio deve se desenvolver a partir do estudo tanto da realidade educacional, perfazendo 100 horas para esse fim, quanto dos contextos específicos das unidades escolares nas 300 horas restantes.

Contudo, no âmbito da reforma curricular do curso de Licenciatura em Geografia, as 100 horas passaram a ser realizadas através de visitas a instituições de educação não formal (museus de ciência, museus históricos, centros de ciência etc.) e instituições de educação especial, além de trabalhos de campo que propiciam o contato com realidades educacionais distantes do contexto metropolitano, como experiências de educação do campo e de educação indígena. Atividades relacionadas ao ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental e contextos de educação especial completam esta fase da formação docente que contempla prioritariamente a percepção e análise da geografia presente em outros contextos educativos.

4 | O OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A ESCOLA

São muitos e variados os sentimentos que tomam conta dos licenciandos nos primeiros momentos de imersão em uma unidade escolar. Curiosidade, insegurança, dúvida, entusiasmo, tédio são alguns deles relatados por estagiários ao longo de nossa experiência como professores de Prática de Ensino de Geografia. Variando muito a cada turma e também a cada escola, acrescenta-se a essa mistura de sensações a preocupação sobre o que observar nesse início de estágio. Obviamente, as aulas de geografia são o centro e o foco das atenções e a posição híbrida entre ser aluno e ser professor torna esse momento mais delicado, crucial e que pode marcar positiva ou negativamente todo o percurso do estágio.

Com base nessas reflexões, a equipe de Prática de Ensino de Geografia da UFRJ iniciou, em 2009, o desenvolvimento de uma atividade pedagógica que tem como intuito dar mais sentido a esses primeiros meses de estágio ao possibilitar ao licenciando a ampliação de seu espectro de observação, ou seja, ir além da aula de geografia e não a considerando mais como o único evento a ser observado, analisado e frequentado na escola. Até porque, como já dito, parte-se do princípio de que a aula de geografia acontece dentro de um contexto que precisa ser mais bem compreendido para que ela seja problematizada e analisada em todas as suas dimensões.

Se qualificar a observação inicial foi o primeiro objetivo pensado para essa atividade, logo outros se seguiram. A aproximação com o cotidiano da escola, com a cultura escolar em suas diferentes manifestações passou a ser também um objetivo a ser atingido. Além disso, tal atividade passou a propiciar maior interlocução com reflexões advindas do campo educacional, o que, a nosso ver, é essencial para o aprofundamento das análises que passariam a ser empreendidas. A socialização das características das escolas entre os alunos de todas as turmas de Prática de Ensino passou a se configurar também como uma meta prevista por esse procedimento didático, uma vez que em uma mesma turma, e entre turmas distintas, há licenciandos desenvolvendo estágio em diferentes e diversas instituições educativas, cada uma com suas características e peculiaridades. Conhecer, refletir e analisar o que as difere, o que as marca e o que as assemelha se configuram então como propósitos a serem buscados e revelados no seminário que tem sido realizado com a presença de todos os estagiários.

No entanto, o principal objetivo da prática pedagógica em questão diz respeito ao exercício do olhar geográfico sobre o cotidiano escolar. Identificar o que é geográfico, isto é, como imprimir a abordagem geográfica na observação e análise da escola se configura em um primeiro desafio para o estagiário. Em geral, ao chegar no sexto período do curso de Licenciatura, pressupõe-se que o discente seja capaz de enfrentar esse desafio, mesmo que apresente dúvidas e inseguranças, algo normal no processo de formação, principalmente quando se trata de uma ciência cujo objeto de investigação se apresenta controverso e fugidio. De que forma empreender o olhar

geográfico para a compreensão de fenômenos educativos, embora desafiador, é algo instigante e aproxima o estudante de geografia à realidade das escolas, obrigando-o a considerá-las em sua dimensão espacial.

Por sua vez, considerar a escola na sua dimensão espacial tem duas implicações importantes para a formação de professores de geografia. Primeiro, é um exercício de ampliar a noção do que pode ser geografia escolar, para além de conteúdos curriculares prescritos, dentro de uma forma escolar que tende a transformar os campos de conhecimentos em campos disciplinares objetificados. Melhor dizendo, a geografia “escolarizada” corre o risco de ser transformada em um fim em si; um apanhado de conhecimentos organizados, mas que não necessariamente dizem respeito a muito mais do que a economia da sala de aula. Ao considerarmos a escola como espaço (ou na sua dimensão espacial), incorporamos seu cotidiano ao conjunto de elementos a serem investigados pela geografia. Trazemos, com isso, a disciplina para a realidade dos estudantes, sem com isso pretender dizer qual é a realidade de cada aluno.

Em segundo lugar, “trazer a escola para uma perspectiva de análise espacial significa trazê-la aos conceitos e sentidos de espaço diversos e, para isso (e a partir disso), expô-la ao conjunto de ferramentas teóricas que permitam, assim, buscar compreendê-la” (MARQUES, 2013, p. 1). A geografia possui um significativo leque de possibilidades de análise da própria escola. Conceitos, categorias e metodologias de observação e investigação que podem contribuir para compreender fenômenos e eventos da escola como instituição ou de uma escola específica. Talvez o ponto mais sensível dessa perspectiva seja o de conceber a escola como uma construção permanente, um produto de relações de diversas ordens, que se manifestam nas suas formas, nas suas dinâmicas, nos seus fluxos, nas suas estruturas físicas e simbolismos.

Vale lembrar que afirmar a escola como espaço significa compreender que ela não é um palco inerte onde se sucedem relações de diversas ordens, ou uma forma acabada em sua função institucional. Ela é uma construção cotidiana, produto de inter-relações e possibilidade da existência de multiplicidades (MASSEY e KEYNES, 2004), resultado de disputas e negociações entre os sujeitos que a habitam e diversos outros vetores que sobre ela incidem. Portanto, é atingida pelos sujeitos e também os atinge; é regulada e reguladora.

Daí a importância de buscar perceber as nuances dos diferentes processos e estratégias de apropriação deste espaço por aqueles que o constroem no cotidiano.

5 | PERCEPÇÕES, OBSERVAÇÕES E ANÁLISES GEOGRÁFICAS

Com base em apresentações realizadas pelas turmas de 2015, expomos agora algumas das percepções, observações e análises empreendidas pelos estagiários a partir do desafio a eles lançado de pensar a escola como um espaço geográfico. Pensar a partir de questionamentos como, por exemplo: Quais foram os focos

selecionados? Em que medida a análise traz uma abordagem geográfica? O que não é geográfico, mas foi considerado relevante? Que interlocuções foram feitas com o campo educacional para a compreensão da instituição observada? Essas e algumas outras questões formam o conjunto de critérios definidos para as considerações e para a avaliação dos estudos desenvolvidos sobre as escolas.

Podendo contribuir para a construção de uma dimensão do saber docente que vai além do domínio de sua disciplina, ou, nos dizeres de Shulman (2005), do conhecimento do contexto educativo no qual se dá a prática docente, o principal ponto a ser considerado diz respeito aos elementos privilegiados pelos licenciandos na observação e análise das instituições nas quais desenvolvem o estágio curricular obrigatório. Dos dez grupos formados, sete deram destaque à descrição e análise do entorno da escola, salientando as características do bairro e as implicações de sua localização na cidade ou região metropolitana. Dentre estas implicações, os grupos focalizaram fortemente o deslocamento até as escolas por parte dos alunos ou dos licenciandos desde seus locais de moradia. Para tanto, muitos aplicaram questionários e analisaram as informações daí extraídas, outros teceram considerações sobre o tema a partir de conversas informais com alunos de determinadas turmas. Tal informação se faz importante em função de todas as escolas pesquisadas terem a característica de atrair alunos de diferentes e, por vezes, distantes bairros da cidade em relação às suas localizações. Isso se dá por serem escolas técnicas ou por serem consideradas boas escolas de referência no pensamento simbólico da cidade ou ainda por se localizarem em regiões centrais.

Nesse aspecto, o olhar geográfico produzido pelos licenciandos se revela na análise da mobilidade urbana, tema recorrente na abordagem geográfica que privilegia a política de transporte e a dinâmica urbana como foco de interesse. Em regiões metropolitanas extensas, como a do Rio de Janeiro, o penoso deslocamento pela malha urbana se torna um aspecto fundamental nas escolhas que as pessoas fazem em relação aos seus trajetos, horários e custos para a organização do tempo e do espaço cotidianos. Como exemplo, podemos citar a própria situação dos licenciandos no que se refere à escolha pelo local de estágio. Um dos grupos, que teve como objetivo analisar a espacialidade dos estagiários de geografia do Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp), revelou que 72% dos licenciandos consultados levam mais de uma hora para chegar ao colégio, localizado na Zona Sul da cidade, e, deste total, 35% consomem mais de duas horas nesse deslocamento. Essa informação é, sem dúvida, crucial para se pensar a forma de inserção dos universitários no estágio curricular, assim como se configura em oportunidade para se discutir a política de transporte urbano, suas características atuais e possíveis soluções.

Outro aspecto referente ao espaço urbano diz respeito à área de influência da instituição educativa, isto é, a área que abrange o local de moradia dos alunos. Alguns grupos chamaram a atenção para esse fato e o grupo do Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB) chegou a produzir uma imagem revelando essa área de influência

(Figura 1), informação que talvez o próprio colégio não tenha sistematizado.

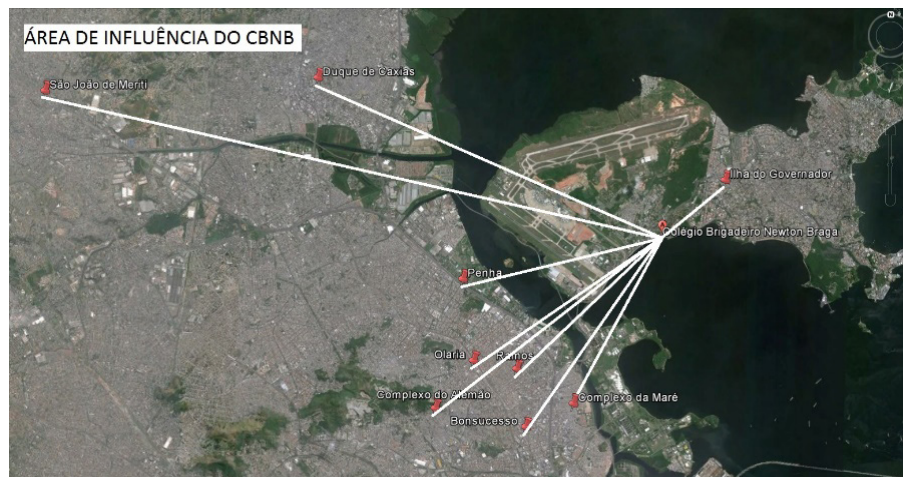


Figura 1: Área de influência do Colégio Brigadeiro Newton Braga. Ilha do Governador, Rio de Janeiro

Fonte: Elaborado por estagiários do curso de Licenciatura em Geografia da UFRJ (2015).

No que tange à análise da escola como um espaço geográfico, é comum entre as apresentações a descrição das instalações dos colégios, sendo que dois grupos nos chamaram a atenção pela análise que empreenderam. O grupo do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), *campus Maracanã*, destacou no ambiente escolar o uso dos corredores pelos alunos, bem como dos murais ali presentes e seus variados temas, que vão de chamadas para concursos, manifestações feministas e artísticas a avisos e cartazes relacionados ao grêmio e à greve docente. Porém, um dos trabalhos que melhor apresentou a espacialidade da escola e suas implicações nas atividades cotidianas, foi o que analisou, como já comentado anteriormente, o espaço dos licenciandos e licenciandas de geografia do CAp. Representando espacialmente, através de um croqui (Figura 2), o espaço de uso e de circulação dos estagiários, o grupo acabou por revelar a dificuldade da instituição em envolver de forma mais orgânica os universitários que frequentam e lotam diariamente corredores, pátio, salas de aula. A falta de um espaço destinado aos estagiários foi mencionada como um elemento que dificulta a integração dos licenciandos de diferentes disciplinas, bem como a sensação de acolhimento e pertencimento ao colégio. O pátio foi identificado como o espaço mais ocupado pelos estagiários, porém de forma improvisada e precária. Tal fato revela um problema a ser enfrentado por uma instituição fundada com o objetivo de ser o principal campo de estágio docente da universidade, pois seus espaços e instalações pouco permitem a inserção mais aprofundada dos futuros professores que têm ali, muitas vezes, suas primeiras impressões sobre a profissão docente.

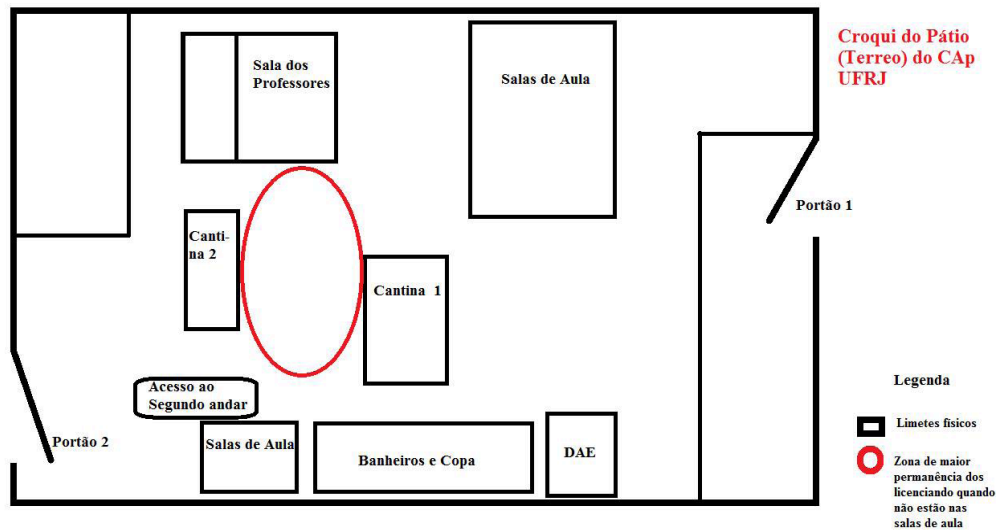


Figura 2: Espaço de uso e de circulação dos estagiários no Colégio de Aplicação da UFRJ
 Fonte: Elaborado por estagiários do curso de Licenciatura em Geografia da UFRJ (2015).

Por último, gostaríamos de destacar dois trabalhos que tiveram como foco as relações espaciais dentro da sala de aula. O grupo do IFRJ chamou a atenção para a organização das salas de aula no que se refere à disposição dos alunos de acordo com as diferentes turmas. Por ser uma escola técnica de ensino médio, as turmas se organizam conforme o curso técnico que fazem e, sendo a geografia uma disciplina básica presente nestes diferentes cursos, os estagiários observaram que a disposição dos alunos na sala se tornava diferente conforme o interesse da turma pela disciplina, o que, em boa parte, se deve ao curso técnico no qual estão matriculados. Os alunos do curso de Meio Ambiente, por exemplo, se concentram, em sua maior parte, próximo ao quadro de giz e ao professor, enquanto as turmas do curso de Farmácia se espalham mais pela sala, sem uma concentração definida. E os alunos do curso de Biotecnologia seguem um padrão parecido com os de Meio Ambiente, porém um pouco mais dispersos (Figura 3).

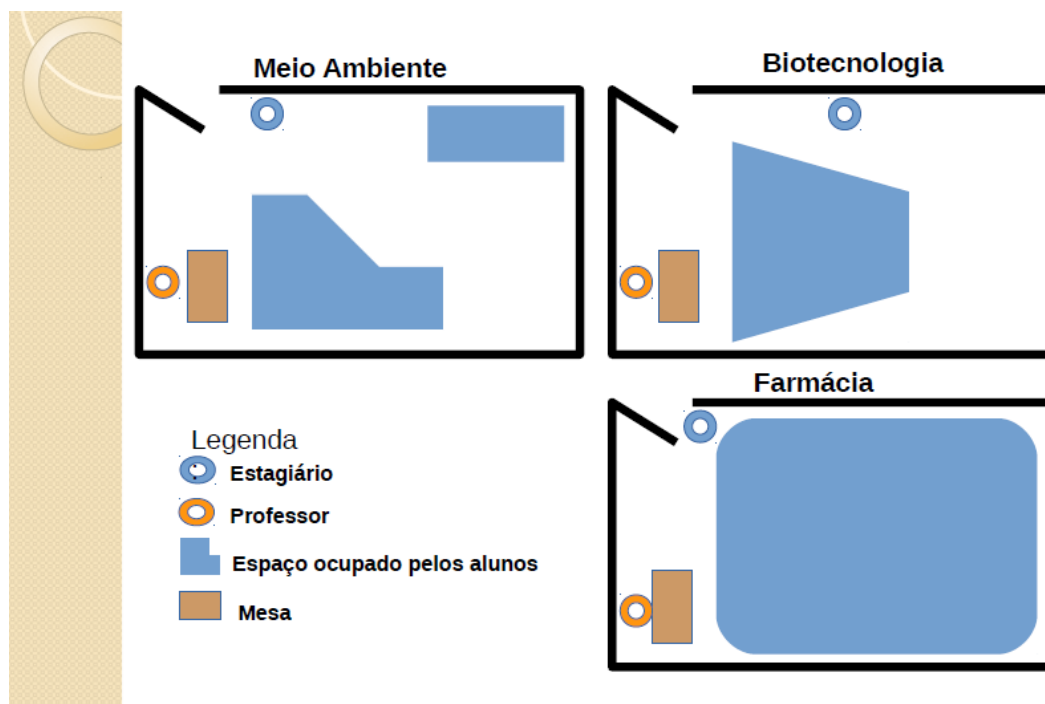


Figura 3: Distribuição espacial dos alunos de diferentes cursos nas aulas de Geografia do IFRJ, campus Maracanã

Fonte: Elaborado por estagiários do curso de Licenciatura em Geografia da UFRJ (2015).

Por fim, ressaltamos uma das apresentações mais originais. Um dos grupos do CAp UFRJ observou e analisou a sala de aula pela ótica da geografia ao considerá-la como um espaço resultante de forças e de relações de poder, nesse caso entre o professor e os alunos. Foi observado que uma das estratégias utilizadas pelo professor para o 'controle' da disciplina de uma turma de 7º ano se configurava, na verdade, em uma estratégia espacial, pois se tratava do reposicionamento dos alunos na sala de aula de acordo com personagens estipulados pelo docente.

Para melhor empreender a análise, o grupo elaborou duas representações espaciais da sala de aula (Figura 4), em que uma representava os denominados fluxos de comunicação que aconteciam durante a aula antes da estratégia adotada e outra que identificava as posições dos personagens e os fluxos de comunicação presentes na turma a partir da nova configuração espacial.

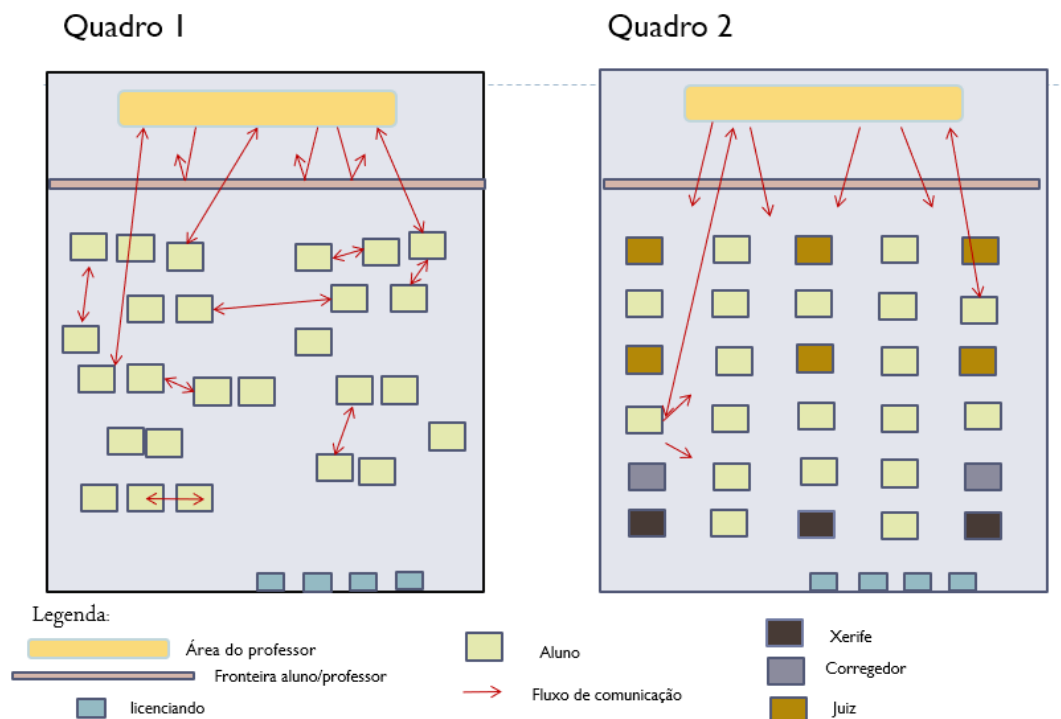


Figura 4: Distribuição espacial de alunos em sala de aula de Geografia no Colégio de Aplicação da UFRJ, 2015

Fonte: Elaborado por estagiários do curso de Licenciatura em Geografia da UFRJ (2015).

Aqui se revela uma sala de aula vista sob um ângulo que destaca a dinamicidade que constitui pequenos e fluidos territórios, às vezes estabelecidos pelos alunos em suas relações, às vezes por estratégias de professores com um determinado fim. Expor e analisar a territorialidade da sala de aula se mostrou, em ambos os casos narrados, um exercício do olhar geográfico que implica em análises que necessitam de outros aportes que vão além da abordagem geográfica. Compreender o processo de cognição da infância e das questões que envolvem a juventude, por exemplo, pode auxiliar na identificação das territorialidades instituídas e instituintes nas salas de aula e escolas, assim como a abordagem espacial pode contribuir para se pensar e definir a escola como um espaço mais plural e democrático.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode ver, aquilo que se considerou como olhar geográfico sobre a escola se constituiu em um conjunto diverso de temas, categorias e abordagens que conformam outros olhares para as unidades escolares. Embora um mesmo aspecto possa ter sido abarcado em vários trabalhos, os diferentes focos privilegiados, as diferentes escalas de análise consideradas e os distintos conceitos geográficos mobilizados revelam a potencialidade do desafio e a possibilidade de se produzir outras formas de observação e análise das escolas por parte dos estagiários.

Ao estimular a pesquisa sobre ou com a escola, a ação pedagógica aqui relatada

pode também proporcionar a adoção de uma visão mais ampla sobre a aula de geografia, uma vez que o estagiário foi convidado a adentrar em outros espaços ou a revelar outros aspectos ainda pouco analisados das instituições educativas. Além disso, a possibilidade da pesquisa como princípio pedagógico do estágio propicia interlocuções importantes para a compreensão da instituição observada, que podem ir, por exemplo, desde o entendimento sobre o funcionamento de colégios que integram o ensino médio à educação profissional até as características cognitivas de alunos adolescentes.

Assim, trazendo como referência os estudos de Pimenta e Lima (2006), Shulman (2005) e Tardiff (2000), consideramos a realização desta ação um crucial momento de reflexão sobre o que é ser professor e sobre as questões que envolvem sua formação e sua prática profissional. Nosso intuito é o de superar as perspectivas que explicam a prática docente a partir do “modelo de uma racionalidade limitada, de uma racionalidade improvisada, na qual o processo reflexivo, a improvisação, a indeterminação, a criatividade, a intuição, o senso comum desempenham um grande papel, apoiando-se, ao mesmo tempo, em rotinas próprias a cada tradição profissional.” (TARDIFF, 2000, p.7) Ao recuperar o debate sobre a profissão docente, estes autores sugerem interrogações que questionam o lugar da prática do professor em relação aos conhecimentos universitários. Com este debate, resgata-se a questão da identidade do trabalho docente em seus aspectos contingenciais, ao sublinhar o discurso da autonomia, ao invés de abordagens teóricas centradas na perspectiva instrumental do trabalho do professor, que, por sua vez, deriva do paradigma da racionalidade técnica.

Em outras palavras, com a pauta da autonomia em mente, os propósitos do seminário “O olhar geográfico sobre a escola” problematizam distintos e enriquecedores aspectos da profissão docente, em tempos em que políticas da formação inicial e de valorização profissional convivem com discursos hegemônicos que fragilizam o fazer-se professor como fazer-se intelectual.

REFERÊNCIAS

MARQUES, R. 2013. Por uma perspectiva espacial da escola. In: **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 3, n. 5, p.05-20, jan./jun., 2013

MASSEY, D.; KEYNES, M. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. In: **GEOgraphia**, Vol. 6, No 12, 2004.

MONTEIRO, A. M. A prática de ensino e a produção de saberes na escola. In: CANDAU, Vera (org.). **Didática, currículo e saberes escolares**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. In: **Póiesis Pedagógica**, v. 3, n. 3 e 4, 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/index.journal=poiesis&page=article&op=view&path%5B%5D=10542&path%5B%5D=7012>> Acesso em: 23 jan. 2016.

SHULMAN, L. Conocimiento y enseñanza: fundamentos de la nueva reforma. In: **Revista de curriculum y formación del profesorado**, 9, 2, 2005. Disponível em: <<http://www.ugr.es/local/recfpro/Rev92ART1.pdf>> Acesso em: 10 abr. 2014.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários - Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, n. 13, pp. 6-24, 2000.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos(IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-366-8



9 788572 473668